**SÍFILIS CONGÊNITA NO BRASIL: REVISÃO DE LITERATURA**

BERNARDO, Rebecca Gabriela Queiroz (AUTOR, RELATOR)1

MENDONÇA NETO, José Lopes de (AUTOR) 2

BANDEIRA, Francisco Jadson (CO-ORIENTADOR) 3

PEIXOTO, Ivonete Vieira Pereira(ORINTADORA) 4

Introdução:As Infecções sexualmente transmissíveis (IST’s) estão entre os mais comuns problemas de saúde no mundo, destacando-se a sífilis, que é uma doença sistêmica, infectocontagiosa e de evolução crônica, cuja transmissão é pelo *Treponema pallidum* por via sexual ou por via transplacentária, e a cada dia que passa as notificações de caso dessa doença estão aumentando no binômio: mãe–concepto (1). Apesar de ser considerada uma doença de fácil prevenção, diagnóstico e tratamento, ainda assim há um aumento na incidência dessa infecção, associada não somente as desigualdades sociais, a falta de conhecimento a respeito da doença, mas também a fragilidade da cobertura assistencial no pré-natal oferecido as gestantes(2). Objetivo: identificar evidências disponíveis na produção cientifica nacional relacionadas a sífilis congênita no período de 2013 a 2017. Métodos: Trata-se de uma pesquisa qualitativa descritiva, exploratória, na abordagem com pesquisa qualitativa, busca-se uma maior compreensão sobre as questões que permeiam descrever o levantamento bibliográfico das produções cientificas da sífilis congênita na busca de discorrer sobre aspectos científicos, epidemiológicos da sífilis congênita no período de 2013 a 2017. Resultados: Através deste estudo foi possível perceber que são muitos os desafios que se necessita para se chegar ao ideal de controle da sífilis congênita no Brasil. Apesar de todo o esforço do ministério da saúde e de publicações de produções cientificas para que se faça o pré-natal de forma adequada para a sífilis congênita e outras doenças sejam adequadamente diagnosticadas e tratadas, o que se percebe é que ainda existem muitas falhas de diagnóstico e tratamento, levando o país a ter um número considerável de má formações, mortes infantis e abortamentos devido à infecção da mãe e do feto pela sífilis(1). A maior prevalência de sífilis na gestação encontrada em mulheres com menor escolaridade, de cor da pele parda ou preta, sem assistências pré-natais e atendidas em serviços públicos sugere que são esses os grupos populacionais mais expostos a essa infecção, devendo ser objeto de maior atenção dos programas de controle da sífilis na gestação(2). Destaca-se que a Sífilis Congênita ainda é um grande desafio para saúde pública, pois apesar de ser uma doença de fácil prevenção, diagnóstico e tratamento, ainda assim há um aumento dessa infecção como acompanhado nas buscas realizadas nos bancos de dados, associada não somente as desigualdades sociais, a falta de conhecimento a respeito da doença, mas também a fragilidade da cobertura assistencial no pré-natal oferecido as gestantes(1). Considerações Finais: Os estudos abordados nesta pesquisa mostraram também que a prevalência da sífilis na gestação vem apresentando avanços importantes na ampliação da cobertura pré-natal e de testagem para sífilis. Desta forma destaca-se que sua prevenção é unicamente no pré-natal e deve ser feito o rastreamento em todas as gestantes preferencialmente de maneira precoce, e torna-se evidente que a melhor forma de controle é diretamente através da assistência ao pré-natal, o que deve ser justificando e garantido a necessidade de monitoramento e avaliação de todas as ações realizadas com esta gestante, para tanto a atuação da enfermagem na consulta de enfermagem e primordial e indispensável na efetivação do rastreamento e controle destas gestantes.

**Descritores (DESC):** Sífilis Congênita; IST; Transmissão Vertical.

**REFERÊNCIAS**

1-FRANÇA ISX; BATISTA JDL; COURA AS; OLIVEIRA CF; ARAÚJO AKF; SOUSA FS**.** Fatores Associados à Notificação da Sífilis Congênita: um indicador de qualidade da assistência pré-natal**.**  Rev. Rene, 16(3):374-81. 2015.

2-CARDOSO ARP; ARAÚJO MAL; CAVALCANTE MS; FROTA MB; MELO SP. Análise dos Casos de Sífilis Gestacional e Congênita nos Anos de 2008 a 2010 em Fortaleza, Ceará, Brasil. Ciência & Saúde Coletiva, 23(2):563-574, 2018.

1Acadêmica do curso de graduação em Enfermagem do Centro Universitário do Estado do Pará. E-mail: R[ebeccabernardo.rb@gmail.com](mailto:ebeccabernardo.rb@gmail.com)

2Acadêmico do curso de graduação em Fisioterapia da Universidade Federal do Pará.

3Mestre em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação e Enfermagem. Centro Universitário do Estado do Pará.

4Doutora em Enfermagem. Docente do Curso de Graduação em Enfermagem. Centro Universitário do Estado do Pará.